
NATUREZA E FOME X A NATUREZA DA FOME: A ALIMENTAÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA E AS CAUSAS DA FOME NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA

José Henrique Rodrigues Stacciarini
Prof. do Dep. de Geografia da UFG - Catalão - GO

RESUMO: *Desde o seu surgimento, a humanidade modifica a natureza, sobretudo para a obtenção de alimentos. No momento em que apenas as reservas mundiais de alimentos são suficientes para garantir a todos mais do que a dieta mínima necessária a uma vida normal, o conhecimento científico dos alimentos e das necessidades nutricionais do ser humano é uma importante conquista do homem moderno. O meio mais legítimo para garantir uma excelente política de nutrição consiste num processo adequado de desenvolvimento econômico e social que garanta trabalho e justa remuneração a todos.*

ABSTRACT: *Since its birth, the humanity changes the nature, especially for the food obtention. In the moment when only the world's reserves of food are sufficient to guarantee to everybody more than the minimal necessary diet for a normal life, the scientific Knowledge of the food and the nutritional necessities of the human being is an important conquest of the modern man. The most legitimate way to guarantee and excellent feed policy constitutes in an adequate processo of economical and social development which ensures job and fair remuneration to everybody.*

“Os grãos estão minguados, as safras escassas e há falta de toda espécie de alimentos”

(Hieróglifo egípcio)

A ALIMENTAÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA

Os homens sempre mantiveram uma relação de interdependência para com a natureza. Desde o surgimento, e cada vez mais, a humanidade modificou a natureza através da produção de bens materiais, sobretudo para a obtenção de alimentos - coleta, caça, pesca, agricultura, pastoreio, indústria...

Para pôr o corpo humano em movimento o homem precisa, antes de tudo, de se alimentar. A alimentação foi e sempre será condição básica da existência humana.

Neste sentido ABRAMOVAY (1992: 07) coloca que “Desde as portas do paraíso, o pão nosso de cada dia está entre as incertezas maiores da humanidade. Produzir, armazenar e distribuir regularmente alimentos, de forma a escapar da penúria, eis um objetivo que permanece em toda a história”.

Durante muito tempo o homem primitivo viveu, principalmente, da coleta de alimentos e da caça que efetuava coletivamente com a ajuda de ferramentas rústicas. A escassez de alimentos fazia com que, por vezes, se manifestasse entre os homens a antropofagia. Não tendo o que comer, o homem comia o próprio homem. Nesse período, a expectativa de vida era extremamente baixa.

Uma enorme conquista do homem primitivo na luta com a natureza foi a descoberta do fogo, o qual contribuía bastante na preparação de diversos alimentos de difícil digestão.

Em função do baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade antiga, sucessivas epidemias de fome marcavam presença. Um hieróglifo egípcio, por exemplo, registrou que - mais de 2.000 anos antes de Abrãao - “os grãos estavam minguados, as safras escassas e todos os homens se transformaram em ladrões de seus vizinhos.”

No período conhecido como “Revolução Neolítica” ou “Pedra Nova” (4.000 a.C.) a economia humana foi transformada, o que permitiu o controle sobre o abastecimento alimentar. O homem começou a plantar e a cultivar. Além disso, ele

conseguiu domesticar e colocar sob sua dependência certas espécies de animais.

Como conseqüência da adoção de uma economia produtora de alimentos ("Revolução Neolítica"), tivemos a taxa de mortalidade geral diminuída e a expectativa de vida aumentada de maneira significativa. O homem já vivia, em média, muito mais do que os 18 anos vividos no início da "Pré-História".

O avanço técnico da agricultura e da pecuária fez com que a propriedade coletiva até então existente cedesse espaço para o aparecimento da propriedade privada. Do gado à terra, tudo foi sendo apropriado. Os prisioneiros de guerra e os que possuíam dívidas foram sendo escravizados e colocados na produção de diversos tipos de excedentes, inclusive alimentos.

Na Idade Média, os camponeses estavam de diversas maneiras vinculados à terra. Ao longo de vários séculos, aperfeiçoaram-se os métodos de lavoura e desenvolveram-se a fruticultura, a horticultura a produção de vinho e de azeite. Começaram a aparecer os moinhos de vento e de água para moer o trigo.

Naquele período, sob a forma de renda da terra em espécie ou censo em frutos, o camponês (servo de gleba) era obrigado a entregar regularmente ao proprietário da terra (senhor feudal) determinadas quantidades de cereais, de gado, de aves e de outros produtos agrícolas.

Apesar do significativo avanço das forças produtivas, os períodos de fome não desapareceram das sociedades divididas em classes sociais com interesses antagônicos. Do século X até a Renascença ocorreram cerca de 400 grandes epidemias de fome no continente europeu.

Segundo PRENTICE a situação se agravou a tal ponto que "Durante vários anos de fome, no século XVI, foram encontrados, caídos nas margens dos caminhos da Europa, homens e mulheres mortos, com as bocas cheias de capim, e crianças, no cemitério, chupando as ossadas dos mortos." (CASTRO - 1965: 287)

Com sede de acumulação e com uma formidável socialização da produção, o capitalismo (mundialização) substituiu o feudalismo e forneceu

estímulo ao desenvolvimento ainda maior das forças produtivas. Investindo quantias elevadas e introduzindo a ciência na produção, grandes produções de gêneros alimentícios foram conseguidos durante os últimos 200 anos.

A propagação simultânea e conjugada de todas as inovações tecnológicas - microeletrônica, Robótica, Engenharia Genética, "Realidade Virtual", Novas fontes de Energia etc. - é a característica dominante no período (Globalização) que se inicia no pós 2ª Guerra Mundial.

A organização espacial dos diferentes lugares já não se explica em si mesma. Graças ao avanço na área de microprocessamento, muitas vezes, o centro de decisão das atividades desenvolvidas em determinado lugar situa-se a milhares de quilômetros.

Sobre isto, CORRÊA (1994: 219) destaca que a fragmentação articulada que foi instaurada no período da mundialização da economia tornou-se progressivamente mais complexa com a globalização. As redes e os fluxos ficaram mais densos, mais variados e multi-direcionados, respondendo assim pela construção de múltiplos mosaicos que se acham irregularmente superpostos.

A este respeito SANTOS (1994: 08) acrescenta que a "globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em sistema - mundo de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos."

De maneira similar, LEITE (1994: 26) afirma que "enquanto o sentido humano de tempo diminui, seu sentido de espaço parece ter se expandido acima do controle. Já é possível conhecer cada ponto da terra e planejar seu desenvolvimento de forma constante. Não há mais territórios para ocupar e as fronteiras nacionais estão mais ou menos estabelecidas. Inexiste, porém, ainda uma relação direta entre o ambiente, os progressos tecnológicos, econômicos e políticos globais e a distribuição generalizada de benefícios sociais. O espaço dividido de forma antinatural é uma fonte constante de irritação e atrito."

Portanto, não obstante o processo evolutivo verificado, as contradições (concentração do capital) das sociedades capitalistas não

demoraram para se manifestar. Com a globalização, de um lado observa-se a abundância de mercadorias e de outro o poder de compra insuficiente de grande parte da população (proletariado). Disto resulta o fenômeno da fome e da miséria das massas populares no seio da abundância e do desperdício, separados pela propriedade privada dos meios de produção e pela exploração de trabalho assalariado.

Se a nível mundial a situação é vergonhosa, a nível nacional observam-se dados semelhantes. O Brasil, apesar de ser uma das maiores nações capitalistas do mundo (10º PIB), possui 32 milhões de pessoas no estado de extrema miséria e tem dois terços da população atingida pela desnutrição.

A desnutrição - fome global ou parcial - da população brasileira é uma verdadeira vergonha, pois dispomos de 3.300 calorias e 90 gramas de proteínas per capita/dia para uma recomendação média da FAO (ONU) de 2.500 calorias e 55 gramas de proteínas, respectivamente.

O nosso país figura ao lado da Índia, Bangladesh, Indonésia e Marrocos como um dos recordistas em termos absolutos de pessoas desnutridas. É uma situação simplesmente vergonhosa na medida em que o Brasil é, paradoxalmente, um dos maiores produtores de alimentos do planeta, tendo colhido cerca de 80 milhões de toneladas de grãos na safra 94/95, com ganhos de produtividade em quase todas as culturas.

Apesar de vergonhosa, a desnutrição da população brasileira é uma realidade. Atualmente, cerca de 70% de nossa população é atingida pelas conseqüências da fome, a qual possui causas estruturais.

AS CAUSAS DA FOME

Num mundo em que os subalimentados convivem, lado a lado, com a fartura e com o desperdício, é inadmissível relacionar fome com falta de alimentos. Somente os alimentos estocados dariam para garantir a alimentação de toda a humanidade durante oito anos. Além disto, nunca se produziu tanto alimento como no momento presente.

Paradoxalmente a fome está presente, no mundo todo, em plena era dos grandes avanços tecnológicos da humanidade - transplante de órgãos, engenharia genética, robótica, viagens interplanetárias, etc.

No geral, a grande quantidade de filhos ("explosão demográfica"), a falta de iniciativa dos pobres ("preguiça") e os infortúnios do meio natural ("seca"), são citados, quase sempre, como responsáveis pela existência da fome nos países subdesenvolvidos. Verifica, assim, que os aspectos essenciais não são discutidos.

Para ADAS (1991: 32), colocada nesses termos, a questão "Cria um sentimento de culpa no despossuído. Que a sua tragédia é criada por ele próprio... Que a sua miséria é fruto de um crescimento populacional acelerado... Que as precárias condições sociais em que vive é resultado da sua incapacidade de produzir riquezas e ascender na pirâmide social".

Pearl Buck, prêmio Nobel de Literatura do final da década de 1940, já advertia - há algumas décadas - que "a teoria da superpopulação como causa da fome foi apoiada por todos aqueles que gozam e tiram proveito do colonialismo e da guerra." Desta maneira, verifica que os aspectos precípuos não são discutidos, ou seja, os fatores políticos, econômicos e sociais são negligenciados.

Entre várias discussões que deveriam ser levantadas e aprofundadas em relação à questão da fome, devemos lembrar que o Colonialismo (Neo) de um lado, e o enriquecimento da metrópole, de outro, são termos que sempre estão relacionados (Divisão Internacional do Trabalho).

A redução da agricultura de produtos alimentares em favor da agricultura comercial de exportação foi e é cada vez mais uma realidade. O Brasil é um dos maiores exportadores de produtos agrícolas no mundo, enquanto ostenta o título de país com uma imensa população gravemente desnutrida. Chega-se ao absurdo de colher dez vezes mais soja (exportação) do que feijão - alimento básico da população.

No que se refere à produção e consumo de alimentos, verificamos que as firmas multinacionais, além de influenciarem a produção agrícola dos países pobres, determinam

(propagandas!) o consumo cada vez maior de produtos industrializados. Sobre isto SANTOS (1994) enfatiza que "no mundo de hoje o importante não é produzir, mas fazer circular."

Na verdade, o mundo empresarial utiliza largamente a mídia como estratégia para a manutenção da eficácia do sistema de produção - consumo. Para que isto ocorra com perfeição, os valores éticos e morais fundamentais são esquecidos, com vistas a uma reprodução ampliada do capital - Globalização de lucros cada vez mais crescentes.

De acordo com SEGNINI (1989: 57), na atualidade "As unidades de produção não dependem dos desejos espontâneos dos consumidores. Elas os criam. Para isto contam com a publicidade, que é a mais importante ofensiva contra o direito do consumidor de saber o que quer."

Para comprovar isto podemos citar que a realização da Copa do Mundo de futebol profissional constitui, a cada quatro anos, um soberbo fato econômico do "esporte-mídia".

Última fronteira do futebol ("soccer") amador, os Estados Unidos da América anunciaram um retorno da ordem de 12 bilhões de dólares com a copa de 1994, advindos principalmente da comercialização dos direitos de publicidade.

Assim, na maioria das vezes, as necessidades básicas não são atendidas e um número cada vez maior de necessidades secundárias são criadas. Como exemplo, temos que o consumo médio de leite do brasileiro é menos da metade do que recomendam conceituadas organizações internacionais ligados aos estudos de nutrição.

De maneira contraditória, enquanto faltam alimentos na mesa dos povos pobres, verifica-se um excessivo consumo de cereais na alimentação dos animais (bovinos, suínos, etc.) nos países desenvolvidos. Trata-se de um grande desperdício, pois, em média, são necessárias sete calorias de origem vegetal para se obter uma caloria de origem animal.

O desperdício é muito maior do que se imagina e não pára apenas nesta relação. Segundo

a Fundação João Pinheiro, 15 milhões de toneladas de grãos de safra agrícola brasileira deste ano devem se perder na colheita, armazenamento e transporte. Esse desperdício seria suficiente para alimentar mais de um milhão de famílias famintas por um período de dois anos.

O baixo nível alimentar relacionado com a existência de vultuosas dívidas externas por parte dos países subdesenvolvidos é uma outra causa da fome que não deve ser esquecida. No nosso caso específico observamos que o Brasil pagou, de 1971 a 1989, mais em juros (120 bilhões) do que o total da dívida (110 bilhões de dólares). Além disso, devemos lembrar que, desde os anos 50, os países desenvolvidos começaram a mandar grande quantidade de alimentos (café, açúcar, arroz, soja, etc.) para os países do primeiro mundo como forma de pagamento da dívida externa.

Já no que diz respeito aos gastos voltados para a produção de materiais bélicos, o mundo assiste a um consumo de vários milhões de dólares por hora, ao mesmo tempo que 1 bilhão de pessoas passam fome. Em alguns países faltam coisas simples, para a produção de alimentos, tais como sementes e enxadas. Por outro lado, temos que uma em cada cinco crianças norte-americanas passa fome.

No prefácio da edição inglesa do livro geopolítica da fome, Lord Byd Orr (ganhador do Prêmio Nobel da Paz) já denunciava que "Os governos estão dispostos a juntar homens e recursos para uma guerra mundial, mas as grandes potências não estão dispostas a se unir para banir do mundo a fome e a miséria." (CASTRO, 1965: 16).

Entre as causas mais repulsivas da fome encontra-se a concentração da renda e da terra no mundo subdesenvolvido nas mãos de poucos. De acordo com dados do IBGE, em 1990, os 10% mais ricos apropriavam-se de mais de 53% da renda, fazendo com que a desigualdade social no Brasil seja maior que em Botsuana e Guiné (África). Um exemplo dessa contradição é o fato de nosso País ter a maior frota de aviões executivos do mundo, enquanto que a metade da população brasileira ocupada ganha até dois míseros salários mínimos.

Atualmente, segundo a ONU, os 20% mais ricos do Brasil têm um padrão de vida 32 vezes melhor que os 20% mais pobres.

Paralelamente à concentração da renda, o processo de concentração da terra nas mãos de poucas pessoas responde pelo subaproveitamento dos espaços produtivos rurais e pela reprodução de grandes extensões de terras caracterizadas como simples áreas de “reservas de valor” (latifúndios improdutivos). Neste aspecto, o Brasil também é um dos campeões, pois cerca de 55% das propriedades rurais (pequenos estabelecimentos) possui menos de 3% da área da nação. Por outro lado, todas as outras áreas plantadas (mercado interno e exportação), juntas, não atingem 7% da superfície total do País.

Soma-se a tudo isso o avanço do capitalismo no campo, através dos grandes grupos agroindustriais, e o difícil acesso aos meios de produção pelos trabalhadores rurais que produzem a maior parte dos alimentos dos brasileiros. Como resultado, verifica-se, cada vez mais, a expulsão e a proletarianização destes trabalhadores que ao se dirigirem para os grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida, encontram cidades onde mais gravemente se manifesta o problema da subnutrição.

CONCLUSÕES

Desde o seu surgimento, a humanidade modifica a natureza, sobretudo para obtenção de alimentos. Nos primórdios dos tempos, a escassez de alimentos fazia com que a expectativa de vida fosse extremamente baixa.

De tudo que foi explicitado, fica claro que o conhecimento científico dos alimentos e das necessidades nutricionais do ser humano é uma importante conquista do homem moderno. Mas por si só isto não é suficiente. De nada adianta ter conhecimentos sistematizados de nutrição se a fome é uma realidade presente na maioria dos lares, enquanto o desperdício e o superconsumo alimentar faz parte apenas do cotidiano de uma classe social minoritária (detentores dos meios de produção).

Diante desta situação, todos devem ter conhecimento de que as reservas de alimentos, do mundo e do Brasil, são suficientes para garantir a todos mais do que a dieta mínima necessária a uma vida normal e que a complexa questão da fome tem causas estruturais, as quais dizem respeito à

forma de como a sociedade capitalista está organizada no mundo todo.

Na verdade, a economia capitalista pode ser perversa em qualquer parte. Como exemplo, citamos que uma em cada cinco crianças norte-americanas passa fome.

Que existem alimentos para todos é verdade. Mas que estão mal distribuídos é uma verdade ainda maior. Grandes safras são produzidas por povos famintos (trabalhadores), e logo são consumidos pelas classes ricas, que têm como um dos principais problemas de saúde o excesso alimentar. Somando a isso, as terras para aqueles que querem produzir estão concentradas nas mãos de poucos que não produzem.

Se existem alimentos para todos e se as necessidades nutricionais do ser humano são determinadas cientificamente, a presença da subnutrição - no Brasil e no mundo - constitui um escândalo.

Além de escandalosa, a existência de homens famintos - concomitante ao grande desenvolvimento tecnológico do momento presente (microeletrônica, engenharia genética, novas fontes de energia) - constitui uma situação vergonhosa.

Um simples barril de sêmen, por exemplo, coloca à disposição - para escolha do produtor rural - todo um plantel bovino de alta qualidade, seja do tipo carne, do tipo leite ou mesmo misto. A fome que rebaixa um indivíduo, rebaixa a sociedade toda. Emancipar-se da fome é indispensável para se atingir a “globalização” da liberdade para a humanidade do terceiro milênio.

De maneira profunda e crítica, todos devem ter plena consciência de que o meio mais legítimo para garantir uma ótima política de nutrição consiste num processo adequado de desenvolvimento econômico e social que garanta a todos o acesso à alimentação, à terra, à educação (inclusive alimentar!) e aos serviços de saúde. Para que isto ocorra, deve ser resgatado o direito de todos ao trabalho e à justa remuneração.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVAY, Ricardo. O que é fome. 10ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1992.
- ADAS, Melhem. Fome: crise ou escândalo? 10ª ed., São Paulo, Moderna, 1991.
- AMABIS, J. M. e MARINHO, G.R. Fundamentos de biologia moderna. São Paulo, Moderna, 1991.
- CASTRO, Ana M. Fome, um tema proibido. Últimos escritos de Josué de Castro. Rio de Janeiro, Petrópolis, 1984.
- CASTRO, Josué de. Geopolítica da fome. São Paulo, Brasiliense, 1965.
- CHAVES, Nelson. Fome, criança e vida. Recife, Massangana, 1982.
- DAMIANI, Amélia. População e Geografia. São Paulo, Contexto, 1991.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, Segundo Caderno, 19 de Julho de 1991.
- FOME EM DEBATE. Brasília, NEST/UnB, 1988.
- INFORMATIVO DA DÍVIDA EXTERNA. São Paulo, CEPIS/MST, Junho, 1993.
- INTERNACIONAL FAMILY PLANNING PERSPECTIVES. New York, Guttmacher Institute, volumes 134 a 137, 1987 a 1991.
- LACAZ, Baruzzi e SIQUEIRA, Jr. Introdução à geografia médica no Brasil. São Paulo, 1974.
- LEITE, Maria A. F. P. Destruição ou Reconstrução. São Paulo, Hucitec, 1994.
- MITCHELL, Helens. Nutrição. Rio de Janeiro, Interamericana, 1978.
- POPULATION REPORTS. Maryland, Hopkins University, números 5 a 32, 1985 a 1989.
- REVISTA CIÊNCIA HOJE. São Paulo, SBPC, Junho, 1994.
- SANTOS, Maria A. Biologia Educacional. 8ª ed., São Paulo, Ática, 1990.
- SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado. São Paulo, Hucitec, 1988.
- _____. Só geografia reconstrói país. In: Jornal Folha de São Paulo, 05/09/94, pp. 1-5.
- SEGNINI, Liliana R. P. O que é mercadoria. São Paulo, Brasiliense, 1989.